



GT - 01

9. A CRIAÇÃO DA OBRA “A RESISTÊNCIA” DE ERNESTO SÁBATO E O CONTEXTO DA LITERATURA ARGENTINA NO SÉCULO XX- XXI

*Inês Skrepetz**

Resumo

O que nos propomos, no presente trabalho, é esclarecer de forma breve a trajetória intelectual e artística do escritor argentino Ernesto Sábato, bem como, as circunstâncias culturais que perpassam os diversos contextos históricos vividos por ele – já que estamos falando de um autor, ainda vivo, de quase um século de vida. Este breve percurso nos possibilitará analisar mais cuidadosamente, e com maior segurança, o contexto histórico-social e cultural em que a obra em foco, “A Resistência” (2000) foi escrita. Nesta perspectiva, se torna importante esclarecermos que elegeremos alguns dos principais temas e assuntos tratados em seus ensaios e romances, para então, posteriormente, entendermos melhor a criação da obra “A Resistência”, escrita no início do século XXI, e que está permeada de questões instigantes das muitas reflexões realizadas por Sábato nesta obra de “virada do século”, e que dizem respeito a uma investigação profunda dos principais problemas sociais e humanos da modernidade.

Palavras-chave: Ernesto Sábato; literatura argentina; literatura hispano-americana

Resumen

Lo que proponemos en este trabajo es aclarar brevemente la historia intelectual y artística del escritor argentino Ernesto Sabato, así como las circunstancias culturales que subyacen a la diferentes contextos históricos experimentados por él - ya que estamos hablando un autor, aún con vida, casi un siglo de vida. Este breve la ruta nos permitirá examinar con más cuidado y más la seguridad, el contexto histórico-social y cultura en la que el trabajo en foco, “Resistencia” (2000) está escrito. Desde esta perspectiva, se convierte en importante que aclaremos elegir a algunos de los principales temas y temas tratados en sus ensayos y novelas, y, a continuación, a continuación, a comprender mejor la creación del libro “La Resistencia” escrita a principios de siglo, y está impregnado de cuestiones provocadora de la muchas reflexiones sobre esta obra de Sabato “Vuelta de siglo” y que implica una investigación a fondo los principales problemas sociales y humanos de la modernidad.

Palabras clave: Ernesto Sabato, la literatura argentina, Literatura Hispanoamericana.

* Mestranda de Estudos Literários da UFPR, possui Graduação em Letras (2005) e Especialização em Língua Espanhola e Literaturas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2007). Integra o Grupo GENTE, com pesquisa na área de Literatura Hispânica.



América Latina, Globalização e Cultura

Um povo se identifica e se auto-confirma por via da cultura. Ela era dona da casa até que foi expulsa por duas criadas gordas: a economia e a política.

Antônio Gala (poeta e romancista)

Pensar a literatura argentina a partir do século xx e seus diversos contextos históricos e culturais exige uma posição crítica, alicerçada em intensas leituras, para então investigarmos mais profundamente, como estas formações simbólicas são engendradas num meio literário tão complexo. Neste sentido, nos propomos, no presente artigo, primeiramente, a esclarecer de forma breve a trajetória intelectual e artística do escritor argentino Ernesto Sábato, bem como, as circunstâncias culturais que perpassam os diversos contextos históricos vividos por ele – já que estamos falando de um autor, ainda vivo, de quase um século de vida. Assim, este breve percurso, nos possibilitará a analisar mais cuidadosamente, e com maior segurança, o contexto histórico-social e cultural em que a obra, em foco, *A Resistência* (2000) foi escrita.

Desta forma, utilizaremos o embasamento teórico para “clarear” e “esclarecer” os enfoques que serão abordados, tanto estéticos quanto contextuais, fundamentando as questões propostas, evitando, conforme Todorov (2009), em *A literatura em perigo*, cair nas artimanhas tirânicas da própria teoria que, tantas vezes, nos distancia do texto e do con-

texto literário. Se pensarmos na matéria prima do artista-escritor, que é a própria linguagem, segundo Bakhtin (2000), esta é constituída numa realidade e é capaz de constituir outras. Portanto, nesta perspectiva, o escritor crítico é criador de vários mundos e realidades, enquanto intelectual inquieto e artista inconformado diante do “suposto real”, não se definindo enquanto um objeto passivo, mas, sendo um ser dialético, nas palavras do próprio Sábato (1982, p. 38), longe de espelhá-los; “resiste a eles e os contradiz”.

Podemos considerar que as obras de Ernesto Sábato se localizam nesta contínua tensão crítica entre ele e o mundo, e consigo mesmo, como o próprio autor bem define em sua primeira obra *Uno y El Universo* (1945). Esta sua preocupação com a concepção do ser e do mundo em crise será uma constante no decorrer de suas obras posteriores, as quais se desdobrarão também para outras instigações, angústias e buscas do autor, oscilando entre os planos éticos e estéticos.

Assim, acreditamos que, mesmo brevemente, seja interessante percorrermos um pouco esta trajetória intelectual e artística de Sábato no século XX, para então procurarmos entender melhor o contexto histórico-social e cultural da “virada do século”, que nas palavras do sociólogo polonês Zygmunt Bauman caracteriza a “modernidade líquida” (2001), onde tudo se dissolve e o ser hu-





América Latina, Globalização e Cultura

mano busca a sua “liberdade leve”, perdendo a consciência de responsabilidade; justamente um dos temas que Sábato tratará em sua obra *A Resistência* (2000). São dois intelectuais inquietos pensando a mesma contemporaneidade. A diferença é que Bauman permanece num rico e profundo plano de pensar esta realidade, que ele considera como uma mistura de “real e fantasia”, enquanto Sábato inconformado latinamente, sem se restringir ao contexto argentino, oferece, ou melhor, sugere algumas alternativas e atitudes de “resistência” crítica e humanizada, num momento histórico, social e cultural em que, parafraseando Milan Kundera (1983), a leveza do ser torna-se insustentável.

A metamorfose de Sábato: de cientista para escritor

Nesta breve trajetória intelectual e artística que faremos de Sábato no século XX, pretendemos expor um pouco do pensamento ensaístico e a criação literária neste percurso de intensa produção do autor argentino. Ao retornar da França para a Argentina em meados dos anos 40, ele começa a escrever para a revista *Sur*, criada por Victoria Ocampo, escritora e editora argentina.

Da mesma forma que o Brasil recebia influências das vanguardas europeias como o expressionismo, futurismo, dadaísmo e o próprio surrealismo, dentre

outros movimentos, por causa dos intelectuais e artistas que buscavam na Europa uma forma de descobrir o próprio país e a América Latina, na Argentina não foi muito diferente. Esta atitude do colonizado em querer também se “inspirar” nos movimentos estéticos do colonizador, acabou gerando muitas críticas entre os seus próprios pares, como foi o caso de Jorge Abelardo Ramos (apud SÁBATO, 1982, p. 28), que acusou os melhores escritores argentinos de serem influenciados pelos europeus, de olharem a América Latina a partir da cultura literária dos judeus como Kafka, franceses como Sartre e Camus, alemães como Nietzsche, e a esta acusação, na obra *A cultura na encruzilhada nacional*, Sábato os defende, questionando qual era a base teórica de Abelardo Ramos para tais argumentos:

¿Hace su acusación utilizando el instrumental filosófico de los querandíes o al menos aztecas? No, señor: mediante una teoría elaborada por el judío Marx, el francés Saint-Simon, el alemán Hegel. Y escribe todo eso en venerable y longevo español, en lugar de hacerlo en charrúa o idioma pampa. (SÁBATO, 1982, p.29).

Enfim, é neste contexto de intensas produções literárias que Sábato encontra o seu “destino”. Seduzido pelo surrealismo na França, o qual não segue fielmente, e entusiasmado com o contexto cultural da época, ele abandona o racionalismo exacerbado, pois a sua decepção com o falso “progresso” tecnológico





América Latina, Globalização e Cultura

levou-o a perceber as grandes catástrofes impulsionadas pelo ser humano, principalmente no contexto político mundial, em que, as ideologias tanto de esquerda quanto de direita vão se contradizendo, gerando massacres, mortes absurdas em guerras e ditaduras.

É neste contexto que Sábato arisca a sua primeira obra, um conjunto de ensaios que ele denomina como *Uno y el Universo* (1945), uma produção crítica que reflete as várias crises da época e dele mesmo com o seu próprio universo existencial. A constatação de que tudo parecia estar disforme, num “relativismo vazio”, em que ninguém seria capaz de discernir sobre os valores morais e humanos, foi percebida, tal como Sábato, por outros artistas da época, sendo instigantemente retratado, por exemplo, neste fragmento do tango argentino, *Cambalache*, de Enrique Santos Discépolo (1935):

Que el mundo fue y será una porquería, ya lo sé,
en el quinientos seis y en el dos mil también;
que siempre ha habido chorros,
maquiávelos y estafáos,
contentos y amargaos, valores y dublé.
Pero que el siglo veinte es un despliegue
de maldá insolente ya no hay quien lo niegue,
vivimos revolcaos en un merengue
y en el mismo lodo todos manoseados.
(SÁBATO, 1935)

Curiosamente, é interessante perceber que este tango acaba por sintetizar uma parte da realidade da época, e que, mais tarde, na quarta carta da obra *A Resistência* (2000, p. 73), Sábato

acaba utilizando alguns fragmentos desta percepção crítica do século XX, poeticamente construída na letra de tango *Cambalache*, no momento em que reflete sobre os valores comunitários, recordando as palavras de Gandhi: “a liberdade exterior só é possível por meio da liberdade interior”, e esta libertação está intimamente ligada à atitude de se conscientizar sobre a realidade humana, a sua comunidade, e sobre si mesmo, pois os piores grilhões então forjados na mente do ser humano.

E se ele não resistir, por meio de uma consciência crítica liberta e responsável apenas fará parte de uma aglomeração, e dentro deste pântano “serão todos manuseados”, sendo que neste “vale tudo” a opinião pública distorcida acaba se tornando a condutora dos rumos enceguedidos do futuro, onde tudo é conjuntural.

A questão do existencialismo: o “desvio de caminho” de Sábato

Estas problematizações do ser e do mundo, e suas interações, serão constantes no decorrer das outras obras, sendo *Uno y el Universo* o marco de entrada, mais formalmente, de Sábato no contexto intelectual –artístico e literário da Argentina. Entre as suas várias produções, Sábato produziu muito mais obras ensaísticas do que romances, sendo estes apenas três: *O Túnel* (1948), *Sobre Heróis e Tumbas* (1961) e *Abadón o exterminador*





América Latina, Globalização e Cultura

(1974), com diferença de treze anos entre cada publicação.

A concepção de existencialismo, que perpassa a obra *O Túnel*, não ficou apenas determinada dentro do campo filosófico, mas também penetrou a literatura, originando assim a chamada “literatura existencial”, surgida na França e tendo como precursores os próprios idealizadores desta vertente: Sartre com seu romance *A Náusea* (1938) e Camus, com o romance *O Estrangeiro* (1942).

Esta vertente literária não ficaria encerrada somente nos círculos franceses, tendo seduzido escritores de diversas partes do mundo, tais como Clarice Lispector, no Brasil, e Sábato na Argentina. Ele chegou a morar durante algum tempo em Paris, mas seu romance *O Túnel* passa-se inteiramente nas ruas de Buenos Aires, inspirado por completo no contexto argentino. Conforme Cristaldo (1981), a inserção de Sábato nesta “literatura existencialista” fez com que, muitas vezes, ele passasse despercebido pela crítica literária hispano-americana, que pouca menção fez a sua obra. “O Túnel” era quase um “desvio de caminho” na época em que foi escrito.

Sempre preocupado com o automatismo humano que se tornou reflexo da conturbada “Revolução Industrial”, transformando as pessoas em meras engrenagens de um sistema, em 1951, lança

Hombres y engranajes, glosando sobre os sistemas políticos, pesquisas científicas entre outros temas afins.

Mas, enquanto um intelectual, e artista, inquieto e inconformado, a sua escrita não adormece por muito tempo e em 1953 lança a obra *Heterodoxia*, em que ele passeia por vários temas, desde a tradução e literatura, história e metafísica, deuses e prostíbulos, examina as conjecturas e os perigos das contradições contemporâneas. E deste ponto, segue a sua glosa ensaística para outras questões, mas a sua preocupação se volta mais intensamente para um dos seus projetos mais ambiciosos, a obra *Sobre Heróis e Tumbas*, publicada somente em 1961, e que recebeu o prêmio de melhor romance argentino na sua época.

Nesta obra, percebemos uma profunda “transposição poética” da realidade para a ficção, do onírico para a instigação existencial, ou seja, a multiplicidade de vozes e faces que constituem o ser humano – assim, o que nos parecia ser uma abordagem costumeira, transforma-se numa complexidade em que os limites e as fronteiras são rompidas pela reflexão humana no seu âmbito histórico social, existencial e espiritual. Sábato constrói este romance, ousando “argentinar” no máximo os seus personagens dentro do contexto argentino durante o primeiro Peronismo (1945-55), justamente, com a sua crise e queda.





América Latina, Globalização e Cultura

Este contexto contraditório e rico permitiu que Sábato pudesse expor, também, a situação da Argentina, um país em contínua formação que abriga imigrantes de vários lugares do mundo, entre eles, italianos, poloneses, alemães, etc., tornando-se complexo pensar a identidade argentina como uma questão homogênea e estática. Foi percebendo esta cultura complexa e diversificada, do povo argentino, que mais tarde, em sua obra *A cultura na encruzilhada nacional* (1982), sendo um tema já tratado em *O escritor e seus fantasmas* (1963), ele reflete a questão de que:

Es fácil advertir lo representativo en Ecuador, pero es infinitamente arduo notarlo en la Argentina. Nuestro hombre es de contornos indecisos, complejos, variables, caóticos. Este es como un componente en medio de un cataclismo universal. Se necesitarán muchas novelas y muchos escritores para dar un cuadro completo y profundo de esta realidad enmarañada y contradictoria: La oligarquía en decadencia, el gaucho pretérito, el gringo que ascendió, el inmigrante fracasado o pobre, el hijo y el nieto de ese inmigrante, el habitante cosmopolita de Buenos Aires (indiferente y apátrida, el hombre que vive aquí como se vive en un hotel). Y todos los sentimientos cruzados y los mutuos resentimientos. (SÁBATO, 1982, p. 31).

Sábato não se limita apenas ao contexto histórico-social e cultural para criar as suas obras, neste caso, *Sobre Heróis e Tumbas*, mas, evidencia que é a partir desta interação e conflito, entre os seres e o mundo, que geram-se as dúvi-

das e as instigações espirituais, éticas e existenciais, as quais, se abrirão, mais precisamente, ao ser que se encontra em “crise” e que anseia por penetrar o desconhecido, que é a sua própria alma, como uma forma de autoconhecimento, buscando em seu caos interior desvendar o caos externo que caracteriza a sua existência. Como Sábato teve um espaço de treze anos entre cada um de seus romances, enquanto engendrava *Abadón, o exterminador*, lançado em 1974, escreveu outras obras ensaísticas, como *O escritor e seus fantasmas* (1963).

Décadas de 70 e 80: “Cultura del miedo” e período de transição

Segundo a estudiosa Toscano (2003), pode-se dizer que a Argentina dos anos 70, se iniciou em 1955, tendo mais tarde resultado no golpe militar (1976) que derruba o segundo governo peronista (1973-76) e culmina com a Guerra das Malvinas em 1982. Assim, Toscano ainda acrescenta, refletindo o pensamento do crítico Maíz (2003), que o segmento temporal de 70 é, talvez, a década mais extensa da história argentina “e a mais homoganeamente sujeita a um único intérprete: o intérprete peronista”.

Esta realidade política de certa forma impôs uma espécie de congelamento que se apoderou de várias maneiras da vida literária do país, impulsionando muitos intelectuais e artistas para o exí-





América Latina, Globalização e Cultura

lio, como o poeta Juan Gelman (1930), Luiza Valenzuela (1938), Antonio di Benedetto (1922-86), entre outras figuras importantes. Estes foram tristes anos onde a mesma escrita que servia para os intelectuais e artistas “sobreviverem simbolicamente” a esta realidade, tornava-se a delatora de suas posições; muitos escritores foram exilados, e os que não conseguiram escapar eram condenados a torturas e à morte.

Muitos artistas e intelectuais foram presos, mortos em cativeiros, baleados nas ruas de Buenos Aires, como foi o caso de Haroldo Conti (1925), que ainda se encontra desaparecido, e Rodolfo Walsh (1927-1977). Mais tarde, em uma entrevista à Ricardo Piglia, José Pablo Feinmann declara: “angustia-me que nos tenham feito perder tanto tempo. Angustia-me que grande parte da minha geração tenha tido de fugir e que outros tenham morrido ou desaparecido. É um preço demasiado alto para uma geração”. (1982, p.02).

A ditadura na Argentina foi considerada uma das mais macabras ditaduras da América Latina. Por isso, terminado este momento de massacre e opressão, “cultura del miedo”, muitos escritores exilados retornaram ao país e junto com outros que ficaram, como no caso de Sábato, buscam retratar esta angústia. A manifestação literária feminina também é frutífera, pois escritoras como Marta

Traba (1930, p. 83), escreve a obra *Conversación al Sur* (1981), na qual seus personagens apresentam os efeitos físicos e psicológicos da tortura, o vínculo maternal com o filho, expressando afinidades íntimas entre as mulheres.

No ano de 1982, Ernesto Sábato foi convocado pelo presidente Raul Alfonsín, e eleito unanimemente por uma comissão, para presidir a CONADEP (Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas na Argentina), a qual apresentou em 1984 o saldo da repressão militar na Argentina: 30 mil mortos, 340 campos de concentração, e um incontável número de desaparecidos. Este informe está registrado em sua obra *Nunca Más* (1984), conhecida também como *Informe Sábato*.

Nesta perspectiva, profundamente dolorosa para a Argentina, o país passa por uma transição com crises financeiras e grandes mudanças no panorama econômico-político. E dentro deste conflituoso contexto, a representação artística e intelectual busca se reconstruir, por meio da memória, tentando redefinir a identidade da cultura argentina e da própria nação. A temática mais abordada torna-se a questão do imigrante, como uma forma de análise retrospectiva, uma espécie de evocação catártica do passado para entender as raízes do presente, como é pensado no romance *Santo ofício de la memoria* (1985), de Mempo Giardielli.





América Latina, Globalização e Cultura

Geração de 90: A “argentinidade” em questão

Conforme Toscano (2003, p.4): “a década dos noventa assinala o reencontro dos sobreviventes das diferentes gerações, numa coligação intelectual de revisão de valores e textos, perante um enigmático começo do século XXI”. Neste momento, busca-se redefinir a “argentinidade”, ou seja, a qual não se limita apenas a uma identidade estereotipada, mas que a pensa no seu sentido plural e diverso. A “argentinidade”, na reflexão do cientista social argentino Luis Fanlo é muito mais complexa do que uma simples identidade estática, pois ela:

La argentinidad, entonces, no es como una vestimenta que porta el cuerpo sino el cuerpo mismo de los argentinos que puede revestirse, como vestimenta, todo un sin fin de “identidades”. De modo que la argentinidad no es una “identidad” sino una forma cuyo contenido adopta identidades. (FANLO, 2009).

Nesta reflexão de Fanlo, em que a argentinidade se refere a todo um “sem fim de identidades”, podemos pensar melhor sobre o olhar crítico de Toscano (2003), quando ela considera que, mais precisamente a partir dos anos 90, a Argentina e sua produção literária passam por uma reavaliação e revisão de valores e textos, em busca de uma redefinição das várias faces que constituem o povo e sua literatura.

Para Cristián Montes (apud TOSCANO, 2003, p.7), neste momento, o escritor argentino “visualiza um modelo contra-utópico”, isto é, “supõe igualmente colocar em dúvida todo um processo cultural gestado nos próprios valores da modernidade”. Nesta perspectiva, este “reencontro de sobreviventes”, permite a recuperação de outras zonas de tradição literária onde Jorge Luis Borges está ausente: “a literatura sofreu nestes anos o dilema de escrever sob o mandato da sombra de Borges, na qual há pudor, recato, onde não se exibem os sentimentos”. (TOSCANO, 2003, p. 5).

Desta forma, este reaver literário trouxe à superfície destes últimos anos, romances tão significativos como *La asesina de Lady Di* (2001) de Alejandro López e, entre outros, Tomás Eloy Martínez com seu romance *El vuelo de la reina* (2002), “que aborda os temas da Argentina atual, depois da guerra suja e do machismo como uma continuidade do militarismo”. (idem).

Percebemos, então, por meio da crítica que a Argentina como um todo, no seu aspecto político, econômico, cultural, etc., passa por um processo de “reinvenção”, desamordaçando intelectuais e artistas que, neste momento, começam a questionar, além do contexto argentino, o próprio estado e rumo literário. Pensando sobre os contornos complexos, variáveis e caóticos que delineiam o sujeito





América Latina, Globalização e Cultura

argentino e como este é representado e explorado esteticamente, sem cristalizar emblemáticos estereótipos, como nos coloca Sábato, algum tempo antes, em sua obra *A Cultura na encruzilhada nacional*: “se necesitarán muchas novelas y muchos escritores para dar un cuadro completo y profundo de esta realidad enmarañada y contradictoria”. (1982, p. 31).

Neste processo de auto-conhecimento e auto-crítica, entre ataques e combates, é que se gera a última obra de Sábato no século XX, escrita em forma de memórias, dentro do gênero autobiográfico, “*Antes del fin*” (1999), que narra a retrospectiva existencial de um escritor com quase um século de vida. Nesta obra, Sábato não se limita apenas em explicitar momentos de sua vida, mas, entre recordações e esquecimentos, já inicia a engendrar as alternativas, opções e caminhos para que o ser humano possa resistir cotidianamente diante da desumanização e da perda de valores que constituem a vida.

Século XXI: novo século com velhos problemas

Na reflexão de Toscano (2003, p.8), a Argentina entra no século XXI com um certo pesadelo, se tornando muito difícil encontrar explicações para esta situação incômoda. Ao se tratar da crise que assolou o país, percebe-se que é resultado de um “longo processo de de-

cadência” que se tentou reverter da pior forma na década de 90: “a economia, a pobreza, a miséria, o desemprego e a emigração alcançaram níveis tais que tornam impossível uma recuperação rápida, a médio prazo”.

Ao analisarmos o contexto histórico-social e cultural deste novo século, evidenciamos a importância de termos percorrido, mesmo que brevemente, a trajetória intelectual e artística de Ernesto Sábato dentro do extenso e complexo século XX bem como a própria trajetória cultural da Argentina. Principalmente se considerarmos este contínuo conflito do escritor com a sua própria realidade existencial, e os diversos contextos pelos quais suas obras foram sendo engendradas.

Conforme Said (2006), na sua obra *Cultura e Resistência*, a memória é uma forma de resistência, é uma maneira do ser humano buscar o passado para compreender o presente e criar perspectivas para o futuro. Assim, a memória, entre seus recordares e esquecimentos, mantém viva a cultura e seu dinamismo, impedido que uma nação se torne frágil e vulnerável; ela permite o conhecimento, a reflexão e possibilita o discernimento para que os verdadeiros valores humanos sejam resgatados, evitando que as atrocidades se repitam.

Pensando nesta capacidade do ser





América Latina, Globalização e Cultura

humano de se repensar, se redefinir e se reinventar, é que Sábato engendra a sua obra *A Resistência* (2000). Esta obra não é um mero resumo das obras anteriores de Sábato, mas condensa uma confluência de textos e temas, os quais ele vem tratando há muito tempo em suas obras anteriores. Neste aspecto, como a nossa intenção, no momento, não é esmiuçar detalhadamente todas as correlações existentes, nos deteremos a citar alguns exemplos como: a sua crítica em relação à tecnologia e o cientificismo exacerbado, questões que ele já vem explorando desde *Uno y el Universo* e explicita com mais intensidade em *Hombres y Engranajes*.

Outro exemplo claro é o oscilar humano entre o Bem e o Mal, em que ele trata na terceira carta da obra *A Resistência*, e que é muito presente nos seus três romances: *O túnel*, *Sobre heróis e tumbas* e *Abadón o exterminador*, concretizando a observação da estudiosa Silvia Sauter (2005, p.8): “su creación habla por si misma; sin embargo, la incidencia entre la vida y obra es característica del artista visionário, quien como Sábato, la dis-cierne en su ensayística y la vuelca en su ficción”.

Dentro desta análise, percebemos Sábato como um intelectual e artista, investigador e conhecedor da condição humana, que se utiliza de sua experiência ensaística para glosar sobre os diversos temas e assuntos que se referem à con-

dição do ser inserido no mundo e seus conflitos históricos, existenciais, espirituais e culturais. Bem como, incorpora este estilo dentro do gênero epistolar, o qual permite uma maior intimidade com o leitor, tornando a obra *A Resistência* “uma mensagem na garrafa em busca de interlocutores que ainda não se desumanizaram”. (MOLINA apud SÁBATO, 2008).

Nesta perspectiva, nossa intenção, aqui, não visa um maior aprofundamento do gênero escolhido por Sábato, para compor esta obra, mas pensar, quais os motivos que o levaram a escrevê-la no início do século XXI, num momento em que vive-se esta “modernidade líquida”, analisada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), onde tudo parece fluir e se dissolver, e os tecidos, que formam a humanidade, parecem estar “esgarçados”, tornando o ser “livre, leve e solto”, o qual acaba sendo incapaz de sustentar a própria existência. Assim, Bauman aponta as principais características da modernidade líquida: desapego, provisoriedade e acelerado processo de individualização; um tempo de liberdade e insegurança. As instituições sociais perdem a solidez e se liquificam.

Neste contexto, o relacionamento humano (eu-outro) é mercantilizado e os frágeis laços, até mesmo afetivos, podem ser desfeitos perante qualquer desagrado de ambas as partes.





América Latina, Globalização e Cultura

Mas essa sensação de leveza e descompromisso, associada à liberdade individual, também carrega as suas patologias que, segundo Bauman, são as mesmas manifestações sintomáticas de depressão, solidão, entre outras, pois, as relações humanas estão sendo desnutridas de qualquer interação afetiva. Portanto, esta crise que assola não somente a realidade argentina, mas quase toda a humanidade, é que instigou Sábato a pensar, também, em estratégias e alternativas para que as pessoas possam resistir, diante desta “liquidez contemporânea”:

Os homens encontram nas próprias crises a força para a sua superação. Assim o demonstraram tantos homens e mulheres que, contando apenas com sua tenacidade e sua valentia, lutaram e venceram as sangrentas tiranias de nosso continente. Nessa tarefa, o primordial é negar-nos a sufocar a vida que podemos dar à luz. Defender, como heroicamente fazem os povos ocupados, a tradição que nos revela quanto de sagrado há no homem. Não deixarmos desperdiçar a graça dos pequenos momentos de liberdade de que podemos desfrutar: uma mesa compartilhada com pessoas que amamos, umas criaturas que ampararemos, uma caminhada entre as árvores, a gratidão de um abraço. (...) não são atos racionais, mas isso não importa: nós nos salvaremos pelos afetos. (SÁBATO, 2008, p. 91).

Segundo Bauman (2001), este momento, justamente, além de impossibilitar as interações humanas e afetivas, também dificulta o exercício da reflexão, tanto das ações individuais quanto coletivas, não há tempo a ser “perdido”.

Nesta era, os seres humanos se transformaram em “coisas”, demonstrando que a humanidade passa por um processo de reificação, a partir da desumanização dos indivíduos, como Sábato coloca em sua quinta carta: “O pior é a velocidade vertiginosa. Nessa vertigem, nada frutifica nem floresce. E o medo é próprio dela: o homem adquire um comportamento de autômato, deixa de ser responsável, deixa de ser livre e de reconhecer os outros”. (SÁBATO, 2008, p. 85).

Neste sentido, Sábato aponta o caminho da serenidade como uma das saídas desta vertiginosa contemporaneidade, pois, sem conhecimento profundo não há reflexão, e sem interação humana, afetiva e responsável, não há liberdade. Numa modernidade onde tudo parece fluir e se dissolver, um convite para resisti-la, humanamente, parece ser propício para “diminuir” esta carga insustentável, que é a leveza do ser.

Portanto, nosso objetivo, desde o princípio deste artigo, não foi analisar minuciosamente a obra *A Resistência* (2000), mas, acompanhar um pouco o percurso intelectual e artístico de Ernesto Sábato, um escritor incômodo e inconformado que vivencia intensamente o seu tempo e as suas paixões, entre encantos e desencantos, para melhor encarná-los em suas obras ensaísticas e literárias. Esta trajetória pensada juntamente com





América Latina, Globalização e Cultura

as várias faces, dos diversos contextos da Argentina nos possibilita uma maior profundidade para entendermos os motivos que levaram Sábato a escrever esta breve, intensa e complexa obra no início do novo milênio.

Numa entrevista direta, realizada com a atual esposa de Sábato, Elvira Gonzáles Fraga, concedida na Fundação Ernesto Sábato, em Buenos Aires, ela declara que:

Uno de los principales objetivos de Sábato, al escribir *La Resistencia*, en 2000, es que seamos capaces de iniciar un nuevo milenio en búsqueda de alternativas para superar nuestras crisis y cambiar la nuestra realidad, sin que, para esto, tengamos que pasar por una otra guerra. (entrevista concedida directamente à autora deste Artigo, Buenos Aires, fevereiro de 2009).



Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARONE, O. *Borges e Sábato*, diálogos. São Paulo: Globo, 2005.
- BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CRISTALDO, J. *Mensageiros das Fúrias*. Florianópolis: UFSC, 1981.

DELLEPIANE, A. *El concepto de post-modernidad y la obra de Ernesto Sábato*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

FANLO, L. *¿Qué es la argentinidad?* Disponível em: <http://luisgarciafanlo.blogspot.com/2009/11/que-es-la-argentinidad-1.html> Acessado em 03/01/2010

GOMBROWICZ, W. *Diário 1*. Madri: Alianza, 1988.

GONZÁLES, H. *Historia crítica de la literatura argentina*. Buenos Aires: Emecé, 2000..

MARKUN, P. *O melhor do Roda Viva*. São Paulo: Cultura, 2005.

SÁBATO, E. *Uno y El universo*. Buenos Aires: Seix Barral, 1945.

_____. *El Túnel*. Buenos Aires: Seix Barral, 1948.

_____. *Hombres y engranajes*. Buenos Aires: Seix Barral, 1951.

_____. *Heterodoxia*. Campinas: Papirus, 1993.

_____. *El escritor y sus fantasmas*. Buenos Aires: Seix Barral, 1963.

_____. *Sobre héroes y tumbas*. Buenos Aires: Seix Barral, 1961.

_____. *Abadón el exterminador*. Buenos Aires: Seix Barral, 1974.

_____. *La cultura en la encrucijada nacional*. Buenos Aires: Sudamericana, 1982.

_____. *Apologías y rechazos*. Buenos Aires: Seix Barral, 1979.

_____. *Nunca mais!* Porto Alegre: L&PM, 1984.

_____. *Antes del fin*. Buenos Aires: Seix Barral, 1999.

_____. *A Resistência*. São Paulo: Companhia





Grupo de Trabalho 01

América Latina, Globalização e Cultura

das Letras, 2008.

_____. *Informe sobre ciegos*. Buenos Aires: Emecé, 2008.

SAID, E. *Cultura e resistência*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SARLO, B. *Una modernidad periférica*. Buenos Aires: Nueva visión, 1998.

SAUTER, S. *Sábato: símbolo de un siglo*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. São Paulo: Difel, 2009.

TOSCANO, A. *Os últimos anos da literatura argentina*. Lisboa: Jornal das Letras, 2003.

YUDICELLO, L. *La utopía negra de Ernesto Sábato*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

